

O brincar na favela da Maré: jogos de vida e resistência em território conflagrado, de Adelaide Rezende de Souza

RESENHA POR

Lisandra Ogg Gomes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-3601-7758>



Vida e resistência no brincar das crianças da favela da Maré

Após ler o livro de Adelaide Rezende de Souza, *O brincar na favela da Maré: jogos de vida e resistência em território conflagrado*, arrisco a dizer que sua pesquisa apresenta uma proposição do brincar do Sul Global, ou, de modo mais específico, uma teoria do brincar brasileira. Faço essa afirmação uma vez que ao longo do livro a autora apresenta um brincar misturado, um brincar bem brasileiro. Nas suas análises, ela não se furta das subjugações e das opressões implicadas às culturas africana e indígena, assim como também aparecem ideias e práticas coloniais que ainda se fazem presentes no nosso dia a dia. Em outras palavras, Adelaide estabelece os princípios das expressões e ações brincantes de crianças e jovens mareenses, os quais, no entanto, não se fecham a dicotomias, pois, se assim fossem concebidos, se traduziriam em estereótipos culturais que se excluiriam mutuamente (MELGAREJO; MACIEL, 2016). Portanto, não é essa ou aquela brincadeira, esse ou aquele jogo que são analisados, mas as formas brincantes da infância que vão se apresentando à pesquisadora, a partir dos desejos daqueles que querem brincar. Em sentido *benjaminiano*, Adelaide busca compreender o mundo das coisas que se direciona especificamente para as

crianças, e apenas para elas, a partir do modo como “as crianças formam o seu próprio mundo das coisas, um pequeno mundo inserido no grande” (BENJAMIN, 2002, p. 58). No entanto, por não ser dali, da Favela da Maré, Adelaide também busca compreender o grande mundo que abarca o pequeno.

Como se vê, o brincar, ação tão associada à infância e às crianças, é um dos temas centrais tratados no livro, mas não é nem poderia ser o único, uma vez que a autora coloca em debate a vida e a resistência nesse território, o que a leva a compreender as relações sociais entre as crianças e aquelas que elas estabelecem com os adultos, ou o contrário também.

Que infância é essa capaz de brincar em um território conflagrado? Quem são as crianças da Maré? Há algo diferente nesse brincar? São ideias que o livro aborda e nos instiga ao relacionar as formas de brincar das crianças que estão interligadas à escola, estrutura familiar, às questões de gênero e à juventude. E se a pesquisa foi iniciada em uma escola no Complexo de Favelas da Maré, aos poucos ela ganha suas ruas, em uma ação iniciada e conduzida pelas crianças.

É um livro que tem uma densidade teórica e aborda igualmente a infância e o lúdico de uma forma cuidadosa, respeitosa e crítica, por uma pesquisadora que se deixa governar pelas crianças sem perder o foco da sua investigação e da produção de conhecimento. Dessa forma, ao longo das suas análises, pode-se dizer que as crianças são co-pesquisadoras e lhe apresentam um universo brincante muito mais amplo, mas, da mesma forma, intrincado, o qual não se distancia nem invalida aquele que ocorre na escola.

A sensibilidade que Adelaide demonstra ao tratar das crianças e ao falar com elas é a mesma que ela possui ao analisar a favela da Maré. A pesquisadora não a romantiza, naturaliza ou estereotipa, mas também não deixa de examinar as marcas profundas das desigualdades econômicas, dos conflitos entre as facções criminosas ou com a polícia, dos extermínios, das precariedades, das carências e de um Estado que se faz presente pelas ausências. E em um contexto por vezes tão massacrante e marginalizado, o brincar é uma experimentação, produz pertencimento e permite que as pessoas que ali vivem e crescem recorram à cultura popular como uma forma de compreender essa realidade. O lúdico é presença constante na vida da Maré, está presente nas batalhas de rimas, nos bailes *funk*, na zoação ou no culto religioso. Constância, provisoriedade, imaginação e ludicidade estão presentes na criação da favela, na luta diária de erguer o que fora derrubado, nas formas alternativas de viver e no ludibriar o sistema para afirmar que a ocupação é imperativo de sobrevivência. Uma peleja diária dos moradores para manter uma organização dentro da possibilidade da imprevisibilidade e da violência, como é bem argumentado no livro. Assim, esses elementos colocam em movimento a favela e ajudam a explicar a possibilidade em meio a tantas dificuldades (SUASSUNA, 1988).

Destaco a batalha de rimas, um dos achados da pesquisa de Adelaide, uma brincadeira envolta em tensão, divertimento e alegria (HUIZINGA, 2007). E essa tríade é ampliada pela autora ao mostrar que há muito mais em jogo, tais como amizades, afetos, cumplicidade, fantasia, disputas, prazer, medo, autoafirmação, agressividade, laços sociais, humilhação e dominação do outro. É um tudo ao mesmo tempo agora nesse brincar brasileiro, um brincar de sobreposições. Se há apreços, também são evocados os constrangimentos e as afrontas, os quais estão presentes no cotidiano da favela, nas relações de poder entre sujeitos e nas contradições concretas e abstratas da vida.

É nesse entrecruzar de pessoas, conceitos e práticas que o texto se revela instigante e elucidativo sobre a infância brasileira e o brincar, além de revelar como a investigação surge, sustentada por experiências acadêmicas e pessoais da autora. A pesquisadora interroga continuamente o/a leitor/a sobre qual é o lugar do brincar na vida cotidiana e também na escola, e quais são suas possibilidades e suas potenciais nos universos onde ele se faz presente.

Além disso, ainda aponta para o lugar do riso no brincar, que pode ir da transgressão, profanação, irreverência ou até uma quase blasfêmia. Suassuna (2004) diz que o riso é uma espécie de castigo ou censura que a sociedade inflige a alguma coisa que ameaça ou que é considerada feia. Talvez por isso o riso pareça tão perigoso, pois é denúncia, e no brincar, se ele pode parecer amistoso, afetivo ou envolver a cumplicidade, também é utilizado para humilhar e dominar o outro – como bem analisa Adelaide.

Aspectos de um brincar que estão na escola. Se a zoação, as batalhas de rima – o *funk*, por exemplo –, estão na escola, como ela deve lidar com essas formas lúdicas? Não há dúvida de que a escola é fundamental e um direito de crianças e jovens, mas igualmente tem em si formas ocultas das desigualdades educacionais que levam a uma não democratização e à perpetuação das hierarquias sociais, visto que continua a reproduzir ilusões necessárias ao funcionamento e à manutenção do sistema. Portanto, é uma escola que está entre dever-ser e querer-viver, que lida diariamente com práticas escolarizantes e educacionais, com reciprocidades e desconexões. São premissas contraditórias que perpassam a escola, pois, muitas vezes em territórios conflagrados e marginalizados, ela tende a ser o principal ou até mesmo o único equipamento estatal de referência a garantir direitos sociais. Sendo assim, não podemos esquecer que a escola também tem poucas condições de satisfazer ou resolver os problemas de diferentes origens que ultrapassam suas funções.

São enormes as incoerências com as quais a escola precisa lidar. No entanto, Adelaide deixa claro que ela continua a ser um espaço de sociabilidades e socializações, tanto para a infância quanto para a juventude. Portanto, pensar em projetos de vida na escola é também ponderar sobre a independência, liberdade e emancipação, pois essa instituição tem uma ação específica na história de crianças e jovens, a qual deve questionar constantemente as lógicas e políticas das práticas pedagógicas aplicadas (CHARLOT, 1996).

Novamente, a pergunta inicial vem à tona: qual o lugar do brincar na escola? Qual o lugar do brincar em um território conflagrado? Trata-se de um debate que exige a participação de todos – instituições e indivíduos – que estão na e são da escola e pertencem ao território e à cidade. Destaca-se a necessidade de discutir temas como: a formação inicial e continuada dos professores, a pobreza além do aspecto econômico, as relações inter e intrageracionais, bem como a formação e os modos de compartilhamento das culturas infantis e juvenis.

Dessa forma, Adelaide também se volta para a juventude e, em um encontro iniciado no interior da escola, ela se depara com uma juventude que brinca, ou melhor, toda uma Maré que brinca e um brincar que interliga gerações.

O livro *O brincar na favela da Maré* nos mostra as formas como as pessoas buscam garantir seu direito ao lúdico e também nos apresenta um brincar coletivo, um brincar muito nosso, algo que está muito aparente, que é parte do nosso cotidiano. E, com maestria, a Adelaide se empenha em sistematizar os modos lúdicos de ser, possibilitando transformações nas formas como se compreende a criança e o brincar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2002.
- CHARLOT, B. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. **Cadernos de Pesquisa**, n. 97, p. 47-63, maio, 1996.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- MELGAREJO, P. M.; MACIEL, L. da C. Infancia y de/ colonialidad: autorías y demandas infantiles como subversiones epistémicas. **Educación em Foco**, v. 21, n. 2, p. 295–332, 2016.
- SOUZA, A. R. O brincar na favela da Maré: jogo de vida e resistência em território conflagrado. São Paulo: Editora Dialética, 2024. ISBN 978-65-270-1952-7.**
- SUASSUNA, A. Prefácio. In: RIBEIRO, P.; MONTES, M. L. **Maracatu de Baque Solto**. Quatro Imagens: São Paulo, 1998.
- _____. **Iniciação à estética**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2012.

Palavras-chave: brincar, infância, crianças, favela.

DATA DE RECEBIMENTO: 08/10/2024

DATA DE APROVAÇÃO: 04/12/2024

Lisandra Ogg Gomes

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil. Professora Associada no Departamento de Estudos da Infância e no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Território dos Estudos da Infância. Procientista UERJ/FAPERJ.

E-mail: lisandraogg@gmail.com